



IMAGENS DE CONTROLE E OPRESSÃO RACIAL: A (IN)SATISFAÇÃO CORPORAL DE ESTUDANTES NEGROS

Carla Juliane Martins Rodrigues¹

Universidade de São Paulo (USP), SP

Sabrina Daniela Lopes Viana²

UNASP, SP

¹ Possui mestrado em Neurociências e Comportamento (Processos Comportamentais Complexos) pela Universidade Federal do Pará (2023). Atualmente, é doutoranda em Psicologia no Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo (USP), com intercâmbio na Universidade Nacional Autônoma do México (UNAM), período sanduíche (CAPES) pela Universidade do Porto e integra o Laboratório de Interação Verbal e Construção de Conhecimento (LIVCC) do Instituto de Psicologia da USP. É Representante Discente Nacional da ANPEPP (Biênio 2025-2027), Representante Discente Titular do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto de Psicologia (USP) e foi Coordenadora da Comissão de Ações Afirmativas na Pós-Graduação (CAAF-IPUSP 2024-2025). Possui experiência nas áreas de Psicologia Social e Nutrição Social, com ênfase nas variáveis sociais do comportamento alimentar e da (in)segurança alimentar, bem como em práticas sociais e verbais relacionadas ao racismo e ao sexismo. Desenvolve também investigações sobre políticas de ações afirmativas na pós-graduação. E-mail: cmartinsr@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2259-0078>

² Possui graduação em Nutrição pela Universidade de São Paulo (2010), licenciatura em Ciências Sociais pela FMU (2023), Mestrado em Ciências pela Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (2013). Pós-Graduações em Gênero e Sexualidade (UERJ, 2014), em Nutrição Humana Aplicada e Terapia Nutricional (Insira Educacional, 2019), Comportamento Alimentar (IPGS, 2020) e Ensino de Filosofia no Ensino Médio (UNIFESP, 2025). Pós Graduada em História Geral (Faculdade Focus, 2025). Atualmente é docente no curso de graduação em Nutrição (UNASP) e do curso técnico de Nutrição e Dietética (SENAC SP). Tem experiência na área de Nutrição, atuando principalmente nos seguintes temas: cultura alimentar, educação alimentar e nutricional, extensão universitária, comportamento alimentar e percepção corporal. E-mail: sabrinadv@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0219-8842>



*Caio dos Santos de Andrade*³

Universidade de São Paulo (USP), SP

*Vitoria Maximo*⁴

Hospital Israelita Albert Einstein, São Paulo, SP

*Marina Bartel de Andrade*⁵

Resumo: A aparência possui um valor influente na sociedade, podendo gerar insatisfação corporal, especialmente quando há discrepância entre a percepção e o desejo em relação ao corpo. No caso de estudantes negros, além das pressões estéticas, o racismo intensifica esses impactos. Este estudo transversal, com 552 universitários pretos e pardos, utilizou o BSQ e a Escala de Silhuetas de Stunkard para investigar a satisfação corporal. Apesar da maioria estar eutrófica, houve alta insatisfação, com desejo por silhuetas menores. Os resultados foram interpretados à luz de conceitos que articulam dimensões estruturais e simbólicas do racismo. Compreender essa dinâmica exige ir além

³ Psicólogo e Bacharel em Psicologia pela Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto (USP-RP). Mestrando em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP-USP), vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Desenvolvimento e Intervenção Psicossocial (GEPDIP). Atua como Redutor de Danos, com foco na interface entre racialidade e o uso de álcool e outras drogas. Desenvolve pesquisas nas áreas de criminologia desenvolvimental, psicometria, métodos quantitativos, atitudes extremistas e processos de radicalização, delinquência juvenil, violência e vitimização por crimes de ódio. E-mail: caioandrade@usp.br. ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-4298-7250>

⁴ Nutricionista pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (2018-2021), com CRN3 71652/P ativo. Pós-graduada em Nutrição Hospitalar pelo Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein e em Comportamento Alimentar pelo Instituto de Pesquisas Ensino e Gestão em Saúde (IPGS). Integrante do Estágio Estendido no Hospital Israelita Albert Einstein na Unidade Semi-Intensiva Geral (julho/2022 - janeiro/2023). Atualmente, nutricionista do programa de reeducação alimentar por telenutrição do Departamento de Telemedicina do Hospital Israelita Albert Einstein. E-mail: vitoriamaximo@outlook.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3275-2800>

⁵ Graduada em Nutrição pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo, foi aluna bolsista de Iniciação Científica do grupo de pesquisa "Não se Trata de Peso". E-mail: marinabartel@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3818-6408>



dos dados quantitativos, considerando os efeitos históricos, culturais e subjetivos das normas de beleza.

Palavras-Chave: Insatisfação corporal; Racismo; Imagens de controle; Opressão racial; Estudantes negros

CONTROLLING IMAGES AND RACIAL OPPRESSION: THE (DIS)SATISFACTION WITH THE BODY AMONG BLACK STUDENTS

Abstract: Appearance holds a significant value in society and can lead to body dissatisfaction, especially when there is a discrepancy between perception and body ideals. Among Black students, in addition to aesthetic pressures, racism intensifies these impacts. This cross-sectional study, conducted with 552 Black and Brown university students, used the BSQ and the Stunkard Silhouette Scale to investigate body satisfaction. Although most were within the eutrophic range, a high level of dissatisfaction was observed, with a preference for smaller silhouettes. The results were interpreted through theoretical frameworks that address the structural and symbolic dimensions of racism. Understanding this dynamic requires going beyond quantitative data, considering the historical, cultural, and subjective effects of beauty norms.

Keywords: Body dissatisfaction; Racism; Control images; Racial oppression; Black students

IMÁGENES DE CONTROL Y OPRESIÓN RACIAL: LA (IN)SATISFICCIÓN CORPORAL DE ESTUDIANTES NEGROS

Resumen: La apariencia tiene un valor influyente en la sociedad y puede generar insatisfacción corporal, especialmente cuando existe una discrepancia entre la percepción y el ideal corporal. En el caso de estudiantes negros, además de las presiones estéticas, el racismo intensifica estos impactos. Este estudio transversal, realizado con 552 estudiantes universitarios negros y pardos, utilizó el BSQ y la Escala de Siluetas de Stunkard para investigar la satisfacción corporal. Aunque la mayoría estaba eutrófica, se observó una alta insatisfacción, con deseo de siluetas más delgadas. Los resultados fueron interpretados a la luz de conceptos que articulan dimensiones estructurales y simbólicas del racismo. Comprender esta dinámica requiere ir más allá de los datos cuantitativos, considerando los efectos históricos, culturales y subjetivos de las normas de belleza.

Palabras-clave: Insatisfacción corporal; Racismo; Imágenes de control; Opresión racial; Estudiantes negros



IMAGES DE CONTRÔLE ET D'OPPRESSION RACIALE: (IN) SATISFACTION CORPORELLE CHEZ LES ÉTUDIANTS NOIRS

Résumé: L'apparence occupe une place influente dans la société et peut entraîner une insatisfaction corporelle, notamment lorsqu'il existe un écart entre la perception de soi et l'idéal corporel. Chez les étudiants noirs, en plus des pressions esthétiques, le racisme accentue ces impacts. Cette étude transversale, menée auprès de 552 étudiants noirs et métis, a utilisé le BSQ et l'échelle de Silhouettes de Stunkard pour évaluer la satisfaction corporelle. Bien que la majorité des participants soient eutrophiques, une forte insatisfaction a été observée, avec un désir de silhouettes plus fines. Les résultats ont été interprétés à la lumière de concepts articulant les dimensions structurelles et symboliques du racisme. Comprendre cette dynamique nécessite d'aller au-delà des données quantitatives, en prenant en compte les effets historiques, culturels et subjectifs des normes de beauté.

Mots-clés: Insatisfaction corporelle; Racisme; Images de contrôle; Oppression raciale; Étudiants noirs

INTRODUÇÃO

O racismo, entendido como um sistema estruturante que organiza relações sociais e institucionais com base em hierarquias raciais, tem efeitos profundos sobre os modos de ser, sentir e existir das populações negras no Brasil (Almeida, 2019). Longe de se restringir a manifestações explícitas de preconceito, opera de forma simbólica e sistêmica, moldando experiências subjetivas cotidianas, inclusive a forma como os indivíduos constroem sua imagem corporal (Brasil, 2018; Landor et al., 2024).

Ao se considerar a interseccionalidade com o gênero, evidencia-se que mulheres e homens negros são afetados por pressões distintas (e, muitas vezes, contraditórias) relacionadas à estética e à funcionalidade do corpo. Tais tensões se tornam especialmente relevantes em contextos como o universitário, onde ideais de pertencimento, valorização social e corpo ideal são constantemente reiterados e disputados (Brennan et al., 2013; Bhambhani et al., 2019; Boutté et al., 2025; Parker et al., 2025).



A imagem corporal refere-se ao esquema subjetivo da aparência física, envolvendo percepções sobre atratividade, saúde e funcionalidade. Trata-se de um construto multidimensional que abrange aspectos perceptuais (como distorções visuais), atitudinais (como a insatisfação) e comportamentais (como a evitação do corpo) (Prnjak et al., 2022). Nessa perspectiva, a noção de imagem corporal positiva também ganha destaque, sendo concebida não apenas como satisfação com a aparência, mas como uma relação de aceitação, apreciação funcional e respeito pelo próprio corpo (Tylka & Wood-Barcalow, 2015; Gattario & Frisén, 2019).

A satisfação corporal, por sua vez, é um componente subjetivo dessa imagem, influenciado por fatores sociais e culturais. Está associada ao bem-estar psicológico e à qualidade de vida, e envolve tanto a aceitação da aparência quanto a valorização da funcionalidade corporal (Barnett et al., 2020; Rekkers et al., 2021). Compreender essas dimensões é fundamental para analisar de que forma marcadores sociais como raça e gênero atravessam a vivência corporal de estudantes negros.

No Brasil, os padrões de beleza são atravessados por relações históricas de poder racializadas. A valorização da branquitude e a desvalorização de traços negros refletem um projeto de branqueamento que marginaliza corpos não normativos (Carrera, 2020). As redes sociais amplificam tais ideais estéticos, intensificando a pressão sobre indivíduos, especialmente sobre mulheres negras, que enfrentam a sobreposição entre racismo estrutural e exclusão histórica (Lopes, 2024).

O corpo negro tem sido alvo histórico de controle, vigilância e normatização, como forma de manutenção do poder racial. Tais práticas visam limitar a expressão, a mobilidade e a existência desses corpos, reforçando desigualdades estruturais. A interseccionalidade, nesse contexto, permite compreender como diferentes formas de opressão (como racismo, sexismo e



classismo) se cruzam e moldam de maneira única a experiência de grupos subalternizados (Gonzalez, 2020).

Mulheres negras, em especial, vivenciam pressões contraditórias e violentas: de um lado, são hiperssexualizadas e objetificadas; de outro, têm suas subjetividades e conquistas invisibilizadas. Tal paradoxo reforça a desumanização, pois limita a existência dessas mulheres à lógica do desejo ou da servidão, negando-lhes a complexidade e a agência.

Estudos internacionais vêm discutindo como gênero e raça incidem sobre a construção da imagem corporal de jovens negras (Capodilupo & Kim, 2014; Dunn et al., 2019; Lewis-Smith et al., 2023; Boutté et al., 2025). Os achados indicam que essas mulheres sofrem hostilização por não corresponderem aos padrões eurocêtricos, mesmo dentro de suas comunidades. As opressões cotidianas, as microagressões e os padrões inalcançáveis de beleza impactam de forma significativa a percepção e a satisfação com o próprio corpo (Capodilupo & Kim, 2014; Dunn et al., 2019).

Embora algumas jovens demonstrem resistência à internalização do ideal magro e branco, muitas ainda sofrem pressões estéticas, especialmente quando seus traços físicos se distanciam dos padrões dominantes (Lewis-Smith et al., 2023). Algumas chegam a modificar sua aparência para se adequar, o que pode favorecer sua inserção social, mas frequentemente resulta em sentimentos de inautenticidade. Outras, ao acolher suas diferenças, relatam ainda enfrentar desvantagens em espaços majoritariamente brancos, revelando os custos psíquicos da resistência (Boutté et al., 2025).

No que diz respeito às masculinidades negras, a perspectiva hegemônica) marcada pela força, autossuficiência e domínio) não contempla as vivências de homens negros, que historicamente foram desumanizados e criminalizados (Connell & Messerschmidt, 2005). A masculinidade dominante reprime afetos e valoriza o controle do corpo, o que se torna ainda mais



excludente para homens negros, estigmatizados e apartados dos espaços onde essa masculinidade é produzida.

Esses homens vivenciam uma dupla exigência: por um lado, são cobrados a performar virilidade e autossuficiência; por outro, são impedidos de acessar os privilégios que essa virilidade pressupõe (Faustino, 2014; Ribeiro & Faustino, 2017). Sua masculinidade é reduzida a estereótipos de hipersexualização, violência e fracasso, contrastando com o ideal branco de racionalidade e poder. Souza (2009), dialogando com Fanon, mostra como essas representações desumanizam os homens negros, associando-os à animalidade e ao perigo, imagens que ainda hoje circulam na mídia, literatura e cultura popular.

Pinho (2004) complementa essa análise ao denunciar a posição social subalternizada do homem negro frente ao modelo hegemônico, destacando que sua subjetividade é frequentemente anulada pela associação à força física e à sexualidade exacerbada. Nas periferias urbanas, a crise do masculino não se expressa em dilemas da classe média, mas na brutalidade do racismo e da exclusão social.

É nesse cenário que se insere a noção de “matriz de dominação”, proposta por Collins (2019), que analisa como formas de opressão (como racismo, sexismo e classismo) operam de maneira articulada. Essa estrutura organiza o poder nas sociedades, gerando experiências únicas de subordinação ou privilégio, conforme a posição social ocupada.

A autora também introduz o conceito de “imagens de controle”: estereótipos historicamente construídos para justificar e naturalizar desigualdades. Essas imagens não apenas regulam comportamentos, mas moldam a forma como o corpo social percebe e julga certos grupos, impactando diretamente a maneira como esses indivíduos se percebem (Collins, 2019; Jesus, 2022).



Nesse sentido, a opressão não se limita a atos individuais de preconceito, mas se manifesta como um sistema que sustenta desigualdades estruturais, negando direitos e reconhecimento a partir de marcadores como raça e gênero (Mizael & Castro, 2024). Foucault (2021) já apontava que tais relações de poder não ocorrem ao acaso, mas favorecem determinados grupos (geralmente brancos e homens) em detrimento de outros.

Importa destacar que essas formas de opressão não atuam isoladamente: se cruzam e se reforçam. E, mais grave ainda, podem ser internalizadas por quem é oprimido, levando a sentimentos de inferioridade, vergonha e desvalorização de sua identidade.

Diante disso, este estudo tem como objetivo investigar como as intersecções entre raça e gênero impactam a percepção e a (in)satisfação corporal de estudantes universitários negros, considerando os efeitos das opressões estruturais em suas vivências subjetivas.

MÉTODO

Trata-se de um estudo transversal, de abordagem quantitativa, realizado junto a 552 estudantes universitários negros de uma instituição de ensino localizada na Zona Sul de São Paulo. A amostra foi composta por indivíduos de ambos os sexos, com idade igual ou superior a 18 anos, devidamente matriculados nos cursos de graduação dessa instituição. Além da análise estatística descritiva e inferencial dos dados, os resultados foram interpretados à luz de um arcabouço teórico analítico, com base nos conceitos de “Opressão racial” (Mizael & Castro, 2024) e “Imagens de controle” (Collins, 2019), de modo a compreender como dimensões estruturais e simbólicas do racismo impactam a percepção e satisfação corporal desses estudantes.

A pesquisa atende às recomendações da Resolução 466/2012 (Brasil, 2012) e foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa sob o parecer



3.692.085. Todos os participantes concordaram e assinaram o termo de consentimento.

A coleta de dados foi realizada utilizando os instrumentos validados: Questionário de Imagem Corporal - BSQ (Body Shape Questionnaire), desenvolvido por Cooper et al. (1987), traduzido em português por Cordás e Castilho (1994) e Escala de Silhuetas proposta por Stunkard et al. (1983).

Os dados foram tabulados no Excel e foram exportados para o software Action Stat para análise estatística descritiva (frequências, mínimo, média, máximo e desvio padrão - DP). Em seguida, foram feitos os testes não paramétricos Kruskal-Wallis (três ou mais variáveis), Mann-Whitney e Holm (duas variáveis) para fazer as comparações múltiplas (FWER) entre os dados qualitativos e quantitativos, considerando um intervalo de confiança de 95% e $p\text{-valor} < 0,05$.

RESULTADOS

O estudo foi realizado com uma amostra de 552 universitários negros, da qual, destacaram-se o sexo feminino ($n = 334$; 60,5%), cor parda ($n = 409$; 74,1%) em relação à preta ($n = 143$; 25,9 %) e faixa etária predominantemente entre 18 e 29 anos ($n = 472$; 85,6%).

De acordo com o BSQ, obteve-se a pontuação média de 76,7 pontos ($DP \pm 35,7$) e verificou-se que 64,8% dos universitários ($n = 358$) estavam satisfeitos com a imagem corporal. No entanto, a porcentagem de alunos com insatisfação foi alta, correspondendo a 35,2% da amostra ($n = 194$).

Na escala de silhuetas de Stunkard, prevaleceu a insatisfação com a imagem corporal. 72,9% ($n = 402$) dos estudantes negros avaliados desejavam ter uma silhueta diferente da que percebiam como a atual. Por sua vez, os



estudantes classificados como insatisfeitos, 65,2% (n=262) queriam possuir uma silhueta menor, conforme dados detalhados na tabela 1.

Tabela 1 - Percepção e Satisfação Corporal de universitários negros, São Paulo

Variáveis	N (%)
Insatisfação corporal - BSQ	N (%)
Ausência	358 (64,8)
Leve	98 (17,8)
Moderada	43 (7,8)
Grave	53 (9,6)
BSQ média + Desvio Padrão (min-máx)	76,7±35,7 (34 -192)
Satisfação (Desejado - Percebido) * Escala de Silhuetas	
Satisfação	150 (27,2)
Insatisfação	402 (72,8)
Insatisfação	
Quer diminuir a silhueta	262 (65,2)
Quer aumentar a silhueta	140 (34,8)
Total	552 (100)

Fonte: Elaboração Própria.

Quando comparados os valores do BSQ segundo as demais variáveis, foram encontradas diferenças estatísticas em relação: gênero e insatisfação



(tabela 2). A pontuação média das mulheres (BSQ médio = 84,98) foi maior do que a dos homens ($p < 0,05$), mostrando que o público feminino apresenta uma maior insatisfação em relação ao seu próprio corpo.

Quando comparados os grupos classificados como satisfeito ou insatisfeito pela Escala de silhuetas, verificou-se que os indivíduos com insatisfação e que desejavam diminuir a silhueta obtiveram cerca de 40 pontos a mais em comparação com aqueles que estavam insatisfeitos e queriam aumentar a silhueta ou entre aqueles satisfeitos.

Tabela 2 - Pontuação obtida no BSQ segundo sexo, IMC e satisfação corporal de estudantes universitários negros, São Paulo

Variável	Média do BSQ (DP)	Grupos	α -valor ajustado
Gênero			
Feminino	84,98 ($\pm 2,05$)	A	$p = 0$
Masculino	64,10 ($\pm 1,93$)	B	$p = 0$
Classificação de insatisfação			
Insatisfeito e quer diminuir	98,92 ($\pm 2,2$)	A	$p = 0$
Satisfeito	55,44 ($\pm 1,62$)	B	$p = 0$
Insatisfeito e quer aumentar	58,04 ($\pm 1,81$)	C	$p = 0$

Fonte: Elaboração Própria.

As questões do BSQ foram agrupadas em três grupos: relação com corpo, relação com o outro e relação com a comida, e consideraram-se as respostas: sempre, muito frequentemente e frequentemente. No tocante às questões que envolviam a relação do indivíduo com o seu corpo, constatou-se que um terço dos estudantes respondeu que ao se sentirem entediados(as), se preocupavam com a forma física (30,1%); 39,3 % tinham medo de ficar



gordos(as) e 31,3% sentiam que o corpo não era suficientemente firme. Um a cada cinco universitários relatou evitar usar roupas que destacam as formas do corpo (21,7%); 26,1% já haviam tido vergonha do próprio corpo, 27,5% acreditavam que seu físico atual decorre de uma falta de autocontrole e se preocupavam por estarem surgindo dobrinhas. Observou-se que 21,4% (n=118) responderam que beliscavam partes do corpo para verem quanto há de gordura e mais da metade (53,1 %, n= 293) sentia que deveriam fazer exercícios devido a sua forma física.

No grupo de questões que relacionam a percepção corporal e comida, notou-se que 36,4 % tinham um excesso de preocupação com a forma física ao ponto de sentir que deveriam fazer dieta e 22 % já faziam dieta devido a essa preocupação. Uma parte dos estudantes relatou que ficava mais contente com o físico quando estavam com o estômago vazio (26,1%), 27,5% acreditavam que seu físico atual decorre de uma falta de autocontrole e 24,8% relataram se sentir gordos(as) após comer uma grande refeição.

Quando analisadas as questões que envolviam a imagem corporal e sua relação com outro: 29,3 % alegavam se sentir em desvantagem quando se comparavam com o físico de outras mulheres ou homens, 20,5% evitavam situações nas quais as pessoas poderiam ver seu físico, 26,9% ficavam conscientes dos seus corpos quando acompanhados de outras pessoas e 25,7% se preocupavam que estas poderiam estar vendo suas dobras na barriga ou na cintura.

**Tabela 3. Respostas das questões do BSQ, de universitários negros, em São Paulo**

Questões	Sempre/ Muito frequente/ frequentemente	Às vezes/ Raramente / Nunca	Total
	N(%)	N(%)	N(%)
Sentir-se entediada(o) faz você se preocupar com sua forma física?	166(30,1)	386(69,9)	552 (100)
Você tem estado tão preocupada(o) com sua forma física a ponto de sentir que deveria fazer dieta?	201 (36,4)	351 (63,6)	552 (100)
Você tem sentido medo de ficar gorda(o) (ou mais gorda) (o))?	217(39,3)	335(60,7)	552 (100)
Você se preocupa com o fato de seu corpo não ser suficientemente firme?	173(31,3)	379(68,7)	552 (100)
Sentir-se satisfeita(o) (por exemplo, após ingerir uma grande refeição) faz se sentir gorda(o)?	137(24,8)	415(75,2)	552 (100)
Você tem reparado no físico de outras mulheres (ou outros homens) e, ao se comparar, sente-se em desvantagem?	162(29,3)	390(70,7)	552 (100)
Você tem evitado usar roupas que a(o) fazem notar as formas do seu corpo?	120(21,7)	432(78,3)	552 (100)
Você já teve vergonha do seu corpo?	144(26,1)	408(73,9)	552 (100)
A preocupação diante do seu físico leva-lhe a fazer dieta?	121(21,9)	431(78,1)	552 (100)



Você se sente mais contente em relação ao seu físico quando de estômago vazio (por exemplo, pela manhã)?	144(26,1)	408(73,9)	552 (100)
Você acha que seu físico atual decorre de uma falta de autocontrole?	152(27,5)	400(72,5)	552 (100)
Você se preocupa que outras pessoas possam estar vendo dobras na sua cintura ou na barriga?	142(25,7)	410(74,3)	552 (100)
Você se preocupa com o fato de estarem surgindo dobrinhas em seu corpo?	152(27,5)	400(72,5)	552 (100)
Você belisca áreas de seu corpo para ver o quanto há de gordura?	118(21,4)	434(78,6)	552 (100)
Você evita situações nas quais as pessoas possam ver seu corpo (por exemplo, vestiários ou banhos de piscina)?	113(20,5)	439(79,5)	552 (100)
Você fica particularmente consciente do seu físico quando em companhia de outras pessoas?	148(26,8)	404(73,2)	552 (100)
A preocupação com seu físico faz-lhe sentir que deveria fazer exercícios?	293(53,1)	259(46,9)	552 (100)

Fonte: Elaboração Própria.

DISCUSSÃO

Ao aprofundar a análise das dimensões da insatisfação corporal, foi possível identificar padrões relacionados à relação do indivíduo com seu corpo, com a comida e com os outros. Um terço dos estudantes admitiu preocupação



frequente com a forma física, medo de engordar e sentimentos de inadequação corporal, como o receio de que o corpo não fosse suficientemente firme. Essas preocupações se manifestaram também na relação com a alimentação, com mais de um quinto dos participantes já em dieta e expressando culpa ou desconforto após refeições, além da preocupação exacerbada com a necessidade de controle sobre o corpo. A dimensão social revelou-se igualmente impactante, pois muitos evitam situações em que o corpo poderia ser exposto e experimentam desconforto ao se comparar com outros, refletindo não só um comprometimento emocional profundo, mas também a subjetivação de padrões normativos de beleza e suas consequências para a autoestima e o funcionamento social de estudantes negros.

Esses dados ganham ainda mais sentido quando contextualizados nos processos históricos e culturais que moldam os padrões de beleza no Brasil, marcadamente racializados. Como apontado por Carrera (2020), o ideal estético brasileiro foi construído a partir de um projeto de branqueamento forçado, que valoriza traços fenotípicos associados à branquitude, desde políticas eugenistas até práticas culturais cotidianas, como a publicidade colonial que vinculava pele clara a pureza e civilidade, enquanto corpos negros eram estigmatizados como sujos ou inferiores. Essa historicidade explica a persistência de padrões normativos inalcançáveis e excludentes, que operam não apenas no campo visual, mas também sobre as subjetividades dos indivíduos, moldando a percepção de si e do outro em uma lógica hierárquica e excludente que perpetua desigualdades raciais e sociais (Bueno, 2020).

A opressão pode ser compreendida como uma resposta diferencial que se origina da desigualdade de poder entre grupos sociais. Essa resposta é influenciada por um contexto histórico, marcado por práticas culturais que sustentam relações de dominação, e por um contexto imediato, no qual a percepção de marcadores sociais (como raça, classe e gênero) atua como sinal



para a ativação de preconceitos. Como resultado, produzem-se consequências assimétricas: benefícios para os grupos opressores e prejuízos para os grupos oprimidos (Mizael & Castro, 2024). Trata-se, portanto, da articulação entre a força de práticas históricas e a presença de estímulos sociais contemporâneos que mantêm e reforçam a lógica da opressão, como especificado no quadro 1.

**Quadro 1. Descrição de Contingências Culturais: Antecedentes, Respostas e Consequências**

Contingências	Antecedentes	Respostas	Consequências para a prática cultural da opressão de mulheres negras
- Aumento da insatisfação corporal após exposição constante a padrões hegemônicos de beleza nas redes sociais; - Impacto negativo na autoestima de mulheres negras frente à manipulação de imagens e filtros; - Melhora da autoimagem ao seguir influenciadoras negras e conteúdos com representações positivas de corpos negros; - Experiências de comparação e inadequação frente à ausência de diversidade racial nas plataformas.	- Disparidade de poder entre grupos raciais e de gênero; - Marcadores sociais da diferença (raça, classe, gênero); - Predominância de representações brancas, magras e eurocentradas como padrão estético; - Invisibilização e hipersexualização de mulheres negras.	- Baixa autoestima e autovalor; - Comportamentos de comparação social e autodepreciação; - Adoção de práticas de modificação corporal para atender a padrões estéticos (e.g., alisamento de cabelo, uso excessivo de filtros); - Produção e compartilhamento de autorretratos como resistência estética e política; - Engajamento com representações afirmativas de mulheres negras.	- Reforço de sistemas de dominação simbólica que desvalorizam corporalidades negras; - Brancos obtêm ganhos simbólicos ao manter o padrão estético eurocentrado como referência de beleza e sucesso; - Homens negros, ao aderirem a esses padrões, também reproduzem a desvalorização da mulher negra; - Representações alternativas criadas por mulheres negras podem romper com o imaginário colonial e produzir novos repertórios de identidade, autoestima e pertencimento racial.

Fonte: Elaboração Própria.



Tais práticas incluem a inviabilização, exclusão, limitação, invisibilização e marginalização desses corpos. Conforme aponta Carvalho (2018), a relação colonial produz estímulos discriminativos constantes que informam à pessoa negra, desde muito cedo, como ela será percebida e tratada socialmente: o olhar de superioridade do branco, sustentado por uma história de dominação, funciona como um estímulo antecedente que sinaliza punições sociais àqueles que tentam afirmar sua individualidade fora dos padrões estabelecidos. Essa história de interações desiguais modela repertórios de autopercepção e comportamento corporal que, frequentemente, são permeados por sentimentos de inadequação, vigilância e autorrestrição. Assim, a corporeidade das pessoas negras é moldada por um ambiente social que estabelece contingências que reduzem sua liberdade de agir, estar e ocupar espaços de forma plena (Carvalho, 2018).

No caso específico das mulheres negras, a construção social do corpo está atravessada por uma dualidade opressiva: invisibilização e desvalorização por um lado, e hipersexualização e fetichização por outro, como discutido por Lélia Gonzalez (2020), a figura da “mulata” simboliza essa tensão, sendo ao mesmo tempo celebrada e subjugada, objeto de desejo e negação da plena humanidade. Ainda mais complexa é a experiência das mulheres negras gordas, que enfrentam um duplo apagamento, pois são excluídas tanto do ideal eurocêntrico magro quanto da hipersexualização, sendo frequentemente alvo de discriminação que envolve racismo, gordofobia e capacitismo (Mizael et al., 2023; da Silva Junior et al., 2020). Essa sobreposição de opressões cria um cenário onde o corpo negro gordo é marcado como “demasiado” - excessivamente presente, forte e indesejável -, sofrendo negação do afeto, da beleza e da dignidade, o que agrava a vulnerabilidade social e psicológica dessas mulheres.



Os resultados do presente estudo dialogam com essa análise crítica, ao mostrar que a insatisfação corporal entre universitários negros não pode ser dissociada das construções culturais e raciais que definem o que é considerado belo e aceitável. A discrepância na percepção corporal entre mulheres negras e brancas, identificada em estudos como o de Novaes et al. (2024) e no ELSA-Brasil, reforça a ideia de que o corpo negro é vivido sob lentes simbólicas distintas, onde a valorização da força e da funcionalidade frequentemente se contrapõe à busca por um padrão estético europeu e magro (da Fonseca et al., 2020). Essa tensão entre valores culturais distintos sobre o corpo impacta diretamente a forma como as mulheres negras percebem suas próprias imagens e a insatisfação que experienciam. Ademais, a perpetuação de estereótipos negativos, a pressão para conformar-se a padrões hegemônicos e a marginalização pela não conformidade resultam em baixa autoestima e em um complexo de inferioridade, afetando o bem-estar emocional e a saúde mental dessas populações (Silva, 2024).

Lopes (2024) analisou três artigos selecionados entre 1.059 levantados em quatro bases de dados – evidenciam que a exposição constante a padrões hegemônicos de beleza nas redes sociais está associada à insatisfação corporal e à diminuição da autoestima entre mulheres negras. A prevalência de imagens que exaltam traços eurocêtricos, magreza e pele clara reforça ideais estéticos inatingíveis, sobretudo para aquelas cujos corpos são historicamente desvalorizados pelo racismo estrutural. Essa pressão estética, conforme indicam os estudos analisados, pode agravar quadros de sofrimento psíquico. No entanto, os dados também apontam que seguir influenciadoras e criadoras de conteúdo negras contribui para a autoapreciação e fortalecimento da identidade, funcionando como estratégia de enfrentamento simbólico. Isso revela o duplo papel das redes: ao mesmo tempo em que reproduzem normas



excludentes, podem ser espaços de resistência e afirmação quando apropriadas criticamente.

Patricia Hill Collins (2019) argumenta que as imagens de controle integram uma ideologia generalizada de dominação, sustentada por uma lógica de poder que nomeia, caracteriza e manipula os significados atribuídos às vidas de mulheres negras, frequentemente em dissonância com aquilo que essas mulheres enunciam sobre si mesmas. Tais imagens não são neutras: são produzidas e mobilizadas por grupos dominantes como forma de manter estruturas de violência e dominação. Essa dinâmica se manifesta, por exemplo, por meio de figuras e estereótipos persistentes na cultura contemporânea, como a “arrogante”, a “morena exótica”, a “submissa”, a “barraqueira” e a “guerreira”. Esses estereótipos moldam a percepção social das mulheres negras, restringindo-as a papéis específicos e reforçando a continuidade das lógicas racistas e sexistas que as oprimem.

Por seu turno, ao se referir aos homens negros, entende-se que a masculinidade envolta sobre estes corpos constitui em um campo de tensões profundas, marcado simultaneamente pelas exigências da masculinidade hegemônica e pela exclusão racial sistêmica que impede o pleno acesso a esse modelo idealizado (Connell & Messerschmidt, 2005). Nessa linha, homens negros, muitas vezes, sentem-se pressionados a corresponder a padrões que valorizam força física, autossuficiência e controle emocional, entendidos enquanto traços valorizados como atributos “masculinos”, ao mesmo tempo em que são racialmente estigmatizados e mantidos à margem dos espaços sociais onde esses atributos são validados (Albuquerque Júnior, 2010). Nesse contexto, a forma física adquire um papel central: o corpo torna-se instrumento de afirmação, tentativa de pertencimento e de defesa diante de uma sociedade que constantemente interroga, inferioriza ou hiperssexualiza a presença negra masculina (Faustino, 2014; Ribeiro & Faustino, 2017).



Muitos desses jovens relatam preocupações intensas com o corpo, sentindo que precisam se exercitar para corresponder às expectativas sociais, ou expressando desconforto ao se compararem fisicamente com outros homens, especialmente brancos (Souza, 2009). Essa comparação não é apenas estética, mas simbólica: ela remete à exclusão histórica do homem negro de representações positivas de masculinidade e beleza (Pinho, 2004). O corpo negro, nesse processo, é frequentemente reduzido a dois estereótipos complementares e igualmente opressores: o do “negão viril”, símbolo de força bruta e sexualidade intensa, e o do “neguinho submisso”, domesticado e infantilizado (Souza, 2009). Esses arquétipos, reforçados pela mídia, literatura, pornografia e cultura popular, negam à masculinidade negra a complexidade de ser também afetiva, sensível, intelectual e múltipla.

Essa pressão contraditória, de performar força diante da vulnerabilidade social, tem efeitos psíquicos significativos. Ao mesmo tempo em que são cobrados por uma postura de autossuficiência e resistência, homens negros são impedidos de demonstrar fragilidade ou buscar apoio emocional (Collins, 2019). Nesse contexto, destaca-se a hipótese de que, mesmo havendo insatisfação com o próprio corpo, sua expressão se torne difícil, já que tal sentimento não corresponde às expectativas culturais associadas à masculinidade. O resultado é uma sobrecarga emocional e física que pode gerar ansiedade, baixa autoestima, distorção da autoimagem e dificuldades em estabelecer relações interpessoais autênticas. Tais experiências são frequentemente invisibilizadas, tanto nas políticas públicas quanto nos discursos que naturalizam a força e a “resiliência” como qualidades intrínsecas ao homem negro.

Pensar criticamente sobre a masculinidade negra exige romper com os moldes da masculinidade hegemônica e com os estigmas racistas que a atravessam (Connell & Messerschmidt, 2005; Albuquerque Júnior, 2010). Isso



envolve a ampliação dos espaços de escuta e acolhimento para essas vivências, revisitar as representações culturais que limitam o que significa ser homem e ser negro, e desenvolver políticas e práticas que considerem a complexidade dessas subjetividades. Trata-se de um movimento em direção a formas mais amplas de pertencimento e saúde, que escapem aos estereótipos e às exclusões historicamente construídas.

As imagens de controle impõem representações específicas de gênero e raça que, sustentadas por padrões da cultura operam como estratégias de dominação capazes de moldar a forma como pessoas negras, especialmente mulheres, se veem e são vistas socialmente. No entanto, apesar de serem classificadas como simbólicas, os resultados se materializam. Os dados coletados revelam altos índices de insatisfação corporal entre estudantes, com destaque para sentimentos de vergonha do corpo, medo de engordar, sensação de inadequação ao usar determinadas roupas, autoculpabilização pela forma física e comportamentos de restrição alimentar associados à busca de um ideal corporal. Esses achados evidenciam como os discursos estereotipados disseminados pela matriz de dominação atravessam a subjetividade, produzindo efeitos concretos sobre a relação dos sujeitos com seus próprios corpos (Nunes & Sales, 2023).

Essa prática de autorrepresentação, portanto, não apenas desafia as imagens estereotipadas historicamente atribuídas às mulheres negras, mas também contribui para a construção de novos referenciais visuais e simbólicos. Ao ocupar espaços que tradicionalmente invisibilizaram corpos negros, essas artistas produzem narrativas visuais que resgatam memórias, afetos e saberes ancestrais, operando como forma de insurgência contra a colonialidade do ver. A imagem, nesse contexto, não é mero suporte estético, mas um campo político de disputa por reconhecimento, existência e reparação. Assim, a produção artística torna-se um exercício de elaboração da identidade, em que o



corpo negro é reinscrito como potência criadora e não como objeto de exotização. Ao incorporar relatos pessoais e coletivos, a pesquisa evidencia como a arte pode funcionar como ferramenta de cura, denúncia e transformação social (Xavier, 2024).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Portanto, compreender as dinâmicas da insatisfação corporal em estudantes negros demanda uma análise que transcenda as medidas quantitativas, incorporando a reflexão sobre as heranças históricas, os mecanismos culturais de exclusão e os efeitos subjetivos dessas normativas. Tal abordagem crítica é fundamental para desnaturalizar os padrões normativos de beleza e para reconhecer a diversidade e pluralidade dos corpos negros. É necessário promover políticas educacionais, psicológicas e sociais que valorizem a diversidade corporal e racial, contribuindo para a construção de espaços acadêmicos e sociais mais inclusivos e afirmativos para pessoas negras. Somente assim será possível enfrentar os efeitos adversos do racismo estrutural e das normas opressoras, ampliando a autoestima, o empoderamento e o protagonismo das populações negras na sociedade brasileira.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. de. Máquina de fazer machos: gênero e práticas culturais, desafio para o encontro das diferenças. In: ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de (org.). Gêneros e práticas culturais: desafios históricos e saberes interdisciplinares. Florianópolis: EDUFSC, 2010. DOI: <https://doi.org/10.7476/9788578791193.0002>.

ALMEIDA, N.; SANTOS, J. E.; PASIAN, S. R.; LOUREIRO, S. R. Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: estudo exploratório. *Psicologia em Estudo*, v. 10, n. 1, p. 27–35, 2005. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722005000100005>. Acesso em: 25 jun. 2025.



ALMEIDA, S. *Racismo estrutural*. São Paulo: Pólen, 2019.

BARNETT, M. D.; MOORE, J. M.; EDZARDS, S. M. Body image satisfaction and loneliness among young adult and older adult age cohorts. *Archives of Gerontology and Geriatrics*, v. 89, 2020. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.archger.2020.104088>.

BHAMBHANI, Y. et al. Examining sexual racism and body dissatisfaction among men of color who have sex with men: The moderating role of body image inflexibility. *Body Image*, v. 28, p. 142–148, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2019.01.007>.

BOUTTÉ, R. L. et al. Racialized body dissatisfaction in Black women: Development of the Black feminist model of body image. *Journal of Eating Disorders*, v. 13, n. 38, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1186/s40337-025-01190-5>.

BRASIL, S. A. *Construção de identidades, vivências de racismo e repercussões psicossociais: Experiências de crianças negras em Salvador-BA*. 2018. Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2018.

BRENNAN, D. J. et al. "Never reflected anywhere": body image among ethnoracialized gay and bisexual men. *Body Image*, v. 10, n. 3, p. 389–398, 2013. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2013.03.006>.

BUENO, W. *Imagens de controle: um conceito do pensamento de Patrícia Hill Collins*. Porto Alegre: Zouk, 2020.

CARMO, N. A.; RODRIGUES, O. S. Minha carne não me define: a hipersexualização da mulher negra no Brasil. *O Público e o Privado*, v. 19, n. 40, set./dez. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.52521/19.5274>. Acesso em: 25 jun. 2025.

CAPODILUPO, C. M.; KIM, S. Gender and race matter: the importance of considering intersections in Black women's body image. *Journal of Counseling Psychology*, v. 61, n. 1, p. 37–49, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1037/a0034597>.

CARRERA, F. Raça e privilégios anunciados: ensaio sobre as sete manifestações da branquitude na publicidade brasileira. *Revista Eletrônica Internacional de Economia Política da Informação, da Comunicação e da Cultura*, São Cristóvão, v. 22, n. 1, p. 6–28, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/eptic/article/view/11235>. Acesso em: 25 jun. 2025.

CARVALHO, Airuan Silva de. A ALIENAÇÃO EM FRANTZ FANON: da consciência a descolonização. *Kwanissa: Revista de Estudos Africanos e Afro-Brasileiros*, v. 1, n. 2, 26 Set 2018 Disponível



em:<https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/kwanissa/article/view/975>
1. Acesso em: 25 jun 2025.

CASTILHO, S. A imagem corporal. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, v. 25, n. 2, p. 126, 2003. <https://doi.org/10.1590/S1516-44462003000200016>. Acesso em: 25 jun. 2025.

COLLINS, P. H. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política de empoderamento*. Tradução de Jamile Pinheiro Dias. São Paulo: Boitempo, 2019. Publicado originalmente em 1990.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Hegemonic masculinity: rethinking the concept. *Gender & Society*, v. 19, n. 6, p. 829–859, 2005. Disponível em <https://doi.org/10.1177/0891243205278639>. Acesso: 06 ago. 2025.

COOPER, P. J. et al. The development and validation of the body shape questionnaire. *International Journal of Eating Disorders*, v. 6, p. 485–494, 1987. [https://doi.org/10.1002/1098-108X\(198707\)6:4<485::AID-EAT2260060405>3.0.CO;2-O](https://doi.org/10.1002/1098-108X(198707)6:4<485::AID-EAT2260060405>3.0.CO;2-O). Acesso em: 25 jun. 2025.

CORDÁS, T. A.; CASTILHO, S. Imagem corporal nos transtornos alimentares: instrumento de avaliação: Body Shape Questionnaire. *Psiquiatria Biológica*, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 17–21, 1994.

DUNN, C. E.; HOOD, K. B.; OWENS, B. D. Loving myself through thick and thin: Appearance contingent self-worth, gendered racial microaggressions and African American women's body appreciation. *Body Image*, v. 30, p. 121–126, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2019.06.003>.

FAUSTINO, D. M. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: Eva Alterman Blay. (Org.). *Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher*. 1ed. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, v. 1, p. 75-104.

FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. 20. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2021.

FONSECA, M. J. M. da et al. Factors associated with body size perception and body image (dis)satisfaction in the elderly: results of the ELSA-Brasil Study. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, Basel, v. 17, n. 18, p. 6632, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.3390/ijerph17186632>. Acesso em: 25 jun. 2025.

GATTARIO, K. H.; FRISÉN, A. From negative to positive body image: Men's and women's journeys from early adolescence to emerging adulthood. *Body Image*, v. 28, p. 53–65, 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2018.12.002>.



GONZALEZ, L. *Por um feminismo Afro-Latino-Americano*. Zahar, 2020.

JESUS, L. R. *Imagens de controle, racismo, sexismo e pobreza: Autodefinição, luta e resistência de mulheres negras*. 2022. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos) – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2022.

LANDOR, A. M. et al. The Sociostructural-Intersectional Body Image (SIBI) framework: Understanding the impact of white supremacy in body image research and practice. *Body Image*, v. 48, 2024. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2023.101674>.

LEWIS-SMITH, H. et al. A short-form drama series created for the digital media environment: A randomised controlled trial exploring effects on girls' body satisfaction, acceptance of appearance diversity, and appearance-related internalised racism. *Body Image*, v. 47, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2023.08.002>.

LOPES, M. da S. *Reflexos digitais: padrões de beleza, saúde mental e experiências de mulheres negras com a imagem corporal nas redes sociais*. 2024. 55 f. Monografia (Graduação em Saúde Coletiva) – Instituto de Estudos em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024.

MIZAEL, T. M.; BARROZO, S. C. V.; HUNZIKER, M. H. L. Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura. *Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as – ABPN*, Uberlândia, v. 13, n. 38, p. 212–239, 2021. Disponível em: <https://abpnrevista.org.br/site/article/view/1270>. Acesso em: 25 jun. 2025.

MIZAEL, T. M.; CASTRO, M. S. L. B. de. Opressão racial e de gênero: uma interpretação analítico-comportamental a partir do pensamento de Patrícia Hill Collins. *Perspectivas em Análise do Comportamento*, Fortaleza, v. 15, n. 1, p. 73–85, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.18761/abo01a.0>. Acesso em: 25 jun. 2025.

NOVAES, E. M. D. F. de et al. Percepção de imagem corporal, características socioeconômicas e estilo de vida em mulheres participantes do ELSA-Brasil na Bahia, Brasil. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 40, n. 2, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311XPT107823>. Acesso em: 8 ago. 2025.

NUNES, P. de S.; SALES, S. C. Mulheres negras nas imagens de controle: da construção de imaginários racistas à imposição de lugares subalternos na mídia. *Temática*, João Pessoa, v. 19, n. 4, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1807-8931.2023v19n4.66143>. Acesso em: 25 jun. 2025.



PARKER, J. E. et al. Gendered racial microaggressions, self-silencing, and disordered eating in Black women. *Body Image*, v. 54, 2025. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2025.101901>.

PINHO, O. Qual é a identidade do homem negro? Revista Democracia Viva, n.22, 2004.

PRNJAK, K. et al. Body image as a multidimensional concept: a systematic review of body image facets in eating disorders and muscle dysmorphia. *Body Image*, Amsterdam, v. 42, p. 347–360, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2022.07.006>. Acesso em: 25 jun. 2025.

REKKERS, M. E. et al. Measuring body satisfaction in women with eating disorders and healthy women: Appearance-related and functional components in the Body Cathexis Scale (Dutch version). *Eating and Weight Disorders*, v. 26, n. 8, p. 2665–2672, 2021. DOI: <https://doi.org/10.1007/s40519-021-01120-9>.

RIBEIRO, A. A. M.; FAUSTINO, D. M. Negro tema, negro vida, negro drama: estudos sobre masculinidades negras na diáspora. Revista Transversos, Rio de Janeiro, n. 10, p. 159–178, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/transversos.2017.29392>.

SILVA JUNIOR, F. E.; COSTA, F. S. da; RODRIGUES, J. de P. Concepções sobre imagem corporal da mulher negra entre alunas do ensino médio em Teresina/PI. *Pensar a Prática*, Goiânia, v. 24, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/rpp.v24.60026>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SILVA, J. R. Construção de estereótipos e objetificação da população negra na sociedade brasileira: um olhar historiográfico. *RCMOS – Revista Científica Multidisciplinar O Saber*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 1–20, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.51473/ed.al.v3i1.540>. Acesso em: 25 jun. 2025.

SOUZA, R. R. As representações do homem negro e suas consequências. Revista Fórum

Identidades, São Cristóvão, v.6, p 97-115, jul./dez. 2009.

STUNKARD, A. J.; SORENSON, T.; SCHLUSINGER, F. Use of the Danish adoption register for the study of obesity and thinness. In: KETY, S. S. et al. *The genetics of neurological and psychiatric disorders*. New York: Raven, 1983. p. 115–120.

TYLKA, T. L.; WOOD-BARCALOW, N. L. What is and what is not positive body image? Conceptual foundations and construct definition. *Body Image*, v. 14, p. 118–129, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bodyim.2015.04.001>.



WOOD, R.; PETRIE, A. Body dissatisfaction, ethnic identity, and disordered eating among African American women. *Journal of Counseling Psychology*, v. 57, n. 2, p. 53–141, 2010. <https://doi.org/10.1037/a0018922>. Acesso em: 25 jun. 2025.

XAVIER, M. S. *Eu(s): corpo negro e o poder das imagens na autorrepresentação de mulheres negras*. 2024. Dissertação (Mestrado em Artes) – Universidade Federal de Minas Gerais, Programa de Pós-Graduação em Artes, Belo Horizonte, 2024.

Recebido em: 06/08/2025

Aprovado em: 09/02/2026